

Correspondência Idiomática Intra e Interlínguas

Huélinton Cassiano Riva
Tatiana Helena Carvalho Rios
UNESP - SJRP

Este artigo aborda a questão da equivalência na tradução de expressões idiomáticas para a lexicografia bilíngüe. Considera-se que a fim de se alcançar uma equivalência idiomática o significado da palavra não é fixo nem estável e que se faz necessária uma pesquisa detalhada em vários dicionários bem como junto a informantes nativos.

This paper aims to deal with the matter of equivalence in idioms translation for bilingual lexicography. In order to reach an idiomatic equivalence, we consider that the meaning of a word is neither fixed nor stable and that it's necessary to make a detailed research with several dictionaries as well as with native informers.

Introdução

Em nossa pesquisa de iniciação científica (desenvolvida com o apoio do PIBIC – CNPq), a elaboração da direção português-francês do *Dicionário de expressões idiomáticas* de nossa orientadora, Profa. Dra. Claudia Xatara, deparamo-nos com inúmeros problemas teóricos e práticos concernentes à tradução em um dicionário especial.

Desde já esclarecemos que partimos do pressuposto de que um dicionário nunca vai exaurir o tema com o qual se propôs trabalhar e que ele não deve ser considerado árbitro da língua, ou seja, aquele que estabelece respostas para as dúvidas, pois, além de a língua estar em constante movimento (surgem novas palavras e outras caem em desuso), os significados não são estáveis nem fixos.

É importante esclarecermos ainda que as expressões idiomáticas (EIs) são constantemente usadas pelos falantes de uma língua e que é impossível se determinar com exatidão tanto sua equivalência em uma língua estrangeira quanto sua frequência interlingual, entretanto, paradoxalmente, é possível se estabelecer uma correspondência idiomática e dicionarizá-la.

O conceito de idiomatismo

Os idiomatismos estão situados no universo lexical da língua geral e mais especificamente dos fraseologismos, pois são combinações de palavras que, devido a seu constante uso, perdem sua independência e adquirem um sentido global, Tristá (1988). Assim, utilizamo-nos de um embasamento teórico da Lexicologia e da Fraseologia.

Pelo fato de o conceito de ‘palavra’ ser muito amplo, e por isso vago, optamos por utilizar, da terminologia de Pottier, o termo ‘lexia’ que Greimas & Courtés (1979) definem como:

as unidades de conteúdo ... que poderiam ser definidas, paradigmaticamente, por sua possibilidade de substituição no interior de uma classe de lexemas dados ... e sintagmaticamente, por uma espécie de recursividade léxica, podendo as unidades de nível hierarquicamente superior ser reproduzidas no nível lexemático. Greimas & Courtés (1979)

Com relação às lexias complexas (como é o caso dos idiomatismo), podemos defini-las como unidades funcionais significativas do discurso constituídas por seqüências estereotipadas de lexemas. Exemplos: *agora a coisa vai pegar*, *bater em todas as portas*, *ser a gota d’água* e *ir contra o vento*, entre outras.

Para podermos propor correspondências idiomáticas interlínguas, foi necessário um conceito de idiomatismo muito bem definido: “expressão idiomática é uma lexia complexa, indecomponível e cristalizada em um idioma pela tradição cultural”, Xatara (1998). Isso devido à dimensão, sistematicidade, minuciosidade e precisão que deve ter o empreendimento lexicográfico. Tal definição, por sua vez, é suficiente por ser baseada em estudos fraseológicos bastante sérios e por sintetizar o imprescindível na identificação e caracterização de uma EI.

Dessa maneira, na identificação de uma EI, seja para o estabelecimento de seu significado, seja para o estabelecimento de correspondências, tomaremos por base as seguintes características:

a) *indecomponibilidade*: para que as lexias complexas possam ser consideradas idiomáticas, é necessário que elas constituam uma combinatória fechada, ou seja, elas não podem apresentar quase nenhuma possibilidade de substituição por associação paradigmática, Xatara (1998). Exemplificando, se tomarmos a EI *dois dedos de prosa*, verificaremos que não é possível substituir ‘dedos’ por nenhuma outra parte do corpo sem que isso cause um mínimo de estranhamento ao usuário da língua portuguesa. Não podemos dizer, por exemplo, *duas mãos de prosa*, para uma conversa mais demorada.

Assim, podemos afirmar que as EIs constituem sintagmas indecomponíveis de distribuição única ou muito limitada, já que seus componentes não podem ser dissociados sem prejuízo de sua interpretação semântica que, por sua vez, não pode ser calculada com base nos significados individuais de seus elementos. Por exemplo, se tomarmos a EI *castelo de vento/no ar/na areia*, observaremos que, embora haja a possibilidade de associação paradigmática (de vento/ no ar/ na areia), ela é uma combinatória fechada e portanto nenhuma outra substituição além dessas pode ser feita, sem que se cause um estranhamento ou prejuízo para a compreensão.

b) *conotação*: a conotação idiomática representa uma paráfrase geralmente metafórica, mas não no sentido da linguagem literária, pois mesmo na linguagem cotidiana, a função poética sempre esteve presente como um meio de caracterização pitoresca da realidade a ser expressada. Por exemplo, *certo como a morte*, confere à fala um caráter enfático, pelo fato de fazer alusão à morte, conhecida como a única certeza da vida, ao passo que: ‘muito certo’, não produz esse mesmo efeito e, portanto, não tem a mesma força expressiva.

Segundo Pottier (1987), o que fundamenta o sentimento de metaforização é a coexistência de ao menos dois empregos do mesmo sintagma e conforme a definição do procedimento de conotação feita por Greimas (1960), a cada segmento da cadeia sintagmática, convencionase a atribuição de um significado segundo, ou pelo menos um primeiro nível de abstração, que constitui transferência de significado de um lugar semântico a outro, com o significante continuando o mesmo. Desse modo, podemos afirmar que, para uma expressão poder ser considerada idiomática seu significado precisa ser outro, que não aquele feito com

base na soma dos significados individuais de seus componentes. Por exemplo, se tomarmos a EI *misturar alhos com bugalhos*, não poderemos calcular seu significado apenas pela soma dos significados de ‘alhos’ e ‘bugalhos’, pois isso levaria a imaginar ‘plantas hortenses da família das liláceas, cujo bulbo se emprega como condimento’, Ferreira (1999) misturados com ‘galhas arredondadas ou coroadas de tubérculos que se formam nos carvalhos’, Ferreira (1999). Portanto é necessário que haja um deslocamento da imagem *misturar alhos com bugalhos* para um nível mais abstrato, em que poderemos calcular seu significado idiomático, como em: ‘Minha avó vive *misturando alhos com bugalhos*. Ontem, por exemplo, me confundiu com minha irmã.’

c) *cristalização*: considerando a lexicalização ‘a transformação de um sintagma constituído de morfemas livres num sintagma fixo (ou lexia), comutável, do ponto de vista paradigmático, no interior de uma classe lexemática’, Greimas & Courtés (1979), podemos afirmar que o terceiro fator responsável pelo processo de lexicalização de uma EI é “a frequência de seu emprego pela comunidade dos falantes”, Xatara (1998).

É necessário, portanto, que uma EI tenha seu uso consagrado pela tradição cultural do grupo lingüístico em que ela foi encontrada, a fim de que possa realmente ser considerada como tal. Isso nos leva a afirmar que seu significado torna-se ‘estável’. Em outras palavras, é justamente a cristalização de uma EI pela história sócio-lingüístico-cultural de um povo que confere a ela sua estabilidade. Na verdade, porém, essa estabilidade é relativa, pois temos consciência da importância do indivíduo na construção e cristalização dos usos e significados lingüísticos, se levarmos em conta a seguinte afirmação: “todo significante funciona remetendo a outros significantes sem que se chegue nunca ao significado, Bennington (1991). As lexias, pois, só produziriam efeito com relação a outras e isso é estabelecido pelo próprio indivíduo.

Assim, se tomarmos uma EI qualquer, observaremos que também ela só existe com relação a a outras lexias do sistema lingüístico.

O elenco de EIs de um grupo lingüístico encontra-se em sua memória coletiva, em nível individual e social, como modo de dizer tradicional. E, para que uma lexia possa, então, ser considerada EI, é necessário que seu uso seja, ou tenha sido, frequente, por um número considerável de pessoas, processo este denominado ‘cristalização’.

Identificação das EIs

Ao refletirmos sobre a tradução constatamos que é imprescindível se conhecer o objeto a ser traduzido, tanto com relação a seu significado, quanto com relação ao seu papel no sistema lingüístico. No nosso caso, o objeto de tradução são as EIs.

É fundamental, pois, identificar a EI na língua como sendo um idiomatismo e não uma expressão similar com sentido conotativo. O embasamento teórico permitiu-nos delimitar os conceitos de EI, como já apresentamos, e, por isso, na elaboração do dicionário, conseguimos identificar e diferenciar as expressões consideradas idiomáticas de outras expressões. Por exemplo, usa-se *bater as botas*, *vestir o paletó de madeira*, ou ainda, *passar dessa para a melhor* quando se poderia usar *morrer*. As EIs são tão recorrentes na língua que podemos *cair na armadilha* de traduzir uma expressão com sentido conotativo por uma expressão com sentido denotativo e assim, construirmos um texto incompreensível.

Na tradução de idiomatismos, devemos encontrar o número máximo de elementos que sustentem nossas escolhas, observando se a equivalência idiomática proposta está apoiada e cerceada pela cultura da comunidade interpretativa na qual o lexicógrafo/tradutor se insere e para a qual ele destina seu trabalho.

E foi este o procedimento adotado em nossas pesquisas: após termos conhecido e selecionado nosso objeto, conscientes de que o lexicógrafo/tradutor é um contrutor de significados influenciado por sua época e por sua cultura, iniciamos um processo de busca dos elementos nos quais basearíamos nossas escolhas posteriores.

A tradução em lexicografia bilíngüe e a corres-pondência idiomática interlínguas

Tendo consciência da problemática da significação e da relatividade dos significados lexicais, é possível pensar na possibilidade de se estabelecer correspondências interlínguas?

Diante da afirmação:

seria ilusória a crença de que as referências de termos de línguas diferentes podem ser objetivamente comparadas... pois o significado não pode ser uma entidade objetiva, na medida em que está vinculado ao comportamento dos usuários e à sociedade. Rodrigues (2000)

como investir na busca e proposição de equivalências, como o faz a lexicografia?

Para responder a tal questão, ao menos parcialmente, faz-se necessário elucidar que não podemos ter o objetivo de estabelecer relações de igualdade entre as lexias dos diferentes idiomas, mas sim analisar as semelhanças e diferenças entre elas. Além disso, por mais completo e rigoroso que seja o trabalho lexicográfico, um dicionário não pode ser considerado uma verdade absoluta, pois jamais se chega ao completo esgotamento do objeto trabalhado, visto que o dicionário e a língua são produtos culturais, humanos, e portanto subordinados aos limites de tempo e espaço.

Junte-se a isso o fato de que, sem dúvida, nem no dicionário as lexias estão estáticas (o que seria uma abstração), pois as definições e exemplos propostos pelos lexicógrafos não passam de signos que remetem a outros signos, desempenhando o papel de elementos que o consulente interpreta e com o qual constrói seus próprios significados. Assim, o dicionário, longe de ser um depositário de significados, não passa de um grande repertório de relações intersígnicas propostas em cada definição pelo lexicógrafo (sujeito - lembremo-nos - formado por sua cultura e limitado por seu tempo e espaço).

Assim, para propor traduções para EIs, pressupomos que os valores são construídos em uma cultura por cada sujeito de maneira única e que os significados não são intrínsecos às lexias. Contudo, para podermos acreditar na possibilidade de correspondências lexicais interlínguas, entendemos que os valores lexicais podem ser construídos de modo semelhante por cada sujeito, seja ele em uma mesma cultura, seja em culturas diferentes. Isso porque, embora os recortes feitos em cada língua sejam variados, muitos dos fenômenos que motivam a produção lingüística são iguais em todas as culturas. Em se tratando de idiomatismos, verificamos, por exemplo, que ‘meter a colher’ e *mettre son grain de sel* (esta literalmente significaria ‘colocar seu grão de sal’) provenientes das línguas portuguesa e francesa, embora não tenham valores e significados idênticos, mantêm entre si uma relação de correspondência pois remetem a ‘intrometer-se importunamente em conversa ou assunto que não lhe diz respeito’, Ferreira (1999), mesmo que sejam de diferentes culturas (no caso, a luso-brasileira e a francesa).

Além disso, para que possa haver correspondência, tanto na mesma língua como em línguas diferentes, seria ideal que as lexias tivessem em línguas diferentes o mesmo status no sistema lingüístico.

Portanto, em nosso caso, atentamos para que as lexias correspondentes sejam todas idiomáticas. Daí a proposição de correspondências idiomáticas interlínguas: lexias que tenham o mesmo status no sistema lingüístico e cujos conteúdos semânticos, em cad uma de suas línguas, sejam o mais semelhantes possível.

A preferência pelo termo ‘correspondência’, em vez de ‘equivalência’, deve-se ao fato de que a segunda traz em sua etimologia uma ‘igualdade de valor’ que não é nosso objetivo. Poderíamos falar até em ‘suplementaridade’, que segundo Rodrigues (2000), seria ao mesmo tempo uma relação de adição e substituição entre texto de partida e tradução. Nesse caso, o ‘suplemento’ poderia suprir, preencher, substituir o texto de partida ou simplesmente ser acrescentado a ele. Isso podemos afirmar após se ter pressuposto que:

tanto o texto de partida quanto a tradução são produtos de uma interpretação, ou seja, ambos ‘derivativos’. Não há oposição nem simples complementaridade, há uma complexa relação de mútua dependência [pois, texto de partida e tradução são ambos] heterogêneos e plurais, [são ambos] tecidos de diferenças. Rodrigues (2000)

Entretanto, mais importante que a terminologia a ser adotada é a busca de elementos com que possamos compor instrumentos confiáveis para todos os interessados nas atividades interlingüísticas e interculturais. Dessa maneira, a tradução em lexicografia bilíngüe não visa ao apagamento das diferenças interlingüísticas, mas à transposição das barreiras que impedem o diálogo intercultural, pressupondo, assim, a possibilidade de resgatar o maior número possível de elementos constituintes dos significados lexicais.

Conclusão

Por fim, gostaríamos de salientar, por um lado que um estudo com maior rigor científico, em relação às EIs, justifica-se por sua ampla ocorrência no uso cotidiano da língua (fala, mídia, literatura, etc.). Esse seu emprego freqüente evidencia que a linguagem coloquial é permeada de recursos imagéticos vindos da subjetividade, criatividade e herança cultural de cada indivíduo.

Por outro lado, o crescente aumento dos intercâmbios comerciais e culturais tem impulsionado o ensino de línguas estrangeiras, a tradução, a

interpretação e tantas outras atividades interlingüísticas. Com isso, é imperativa a necessidade de pesquisas que otimizem essas atividades, tornando-as cada vez mais rápidas e eficientes. Certo de que o dicionário, produto cultural transformado em bem de consumo, é um dos principais recursos dos profissionais dessa área, seria oportuno afirmar a importância de se investir em pesquisas que visem à elaboração de obras lexicográficas mais eficazes e criteriosas. Daí o nosso propósito de atentarmos cuidadosamente para a tradução de EIs, especialmente para a correspondência idiomática interlínguas, em um dicionário bilíngüe específico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREIRA, A. B. H. Novo Aurélio Século XXI: O dicionário da língua portuguesa. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 1999. 2128p.

GREIMAS, A. J. & COURTÉS, J. Dicionário de Semiótica. São Paulo: Cultrix, 1979. 493p.

PEYTARD, J., GENOUVRIER, E. Lingüística e ensino do português. Coimbra: Livraria Almedina, 1973 . 473p.

RODRIGUES, C. C. Tradução e diferença. São Paulo: Edunesp, 2000. 237p.

TRISTÁ, M. A. Fraseología y contexto. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1988. 195p.

XATARA, C. M. O campo minado das expressões idiomáticas. Alfa (São Paulo) - O estado da arte nas ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia, v. 42 (n. esp.), p.147-158, 1998.